

Enfermagem e o trabalho com grupos infantis: uma revisão integrativa

Nursing and work with a children groups: an integrative review

Enfermería y trabajo con grupos de niños: una revisión integrativa

Recebido: 14/05/2020 | Revisado: 25/05/2020 | Aceito: 26/05/2020 | Publicado: 07/06/2020

Gimene Cardozo Braga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5102-6505>

Instituto Federal do Paraná, Brasil

E-mail: gimene.braga@ifpr.edu.br

Romario Daniel Jantara

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7417-499X>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: romario.jantara@gmail.com

Micheli de Jesus Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1840-8381>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: micheli.ferreira@usp.br

Maria Silvane de Oliveira Duarte Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4551-2814>

Instituto Federal do Paraná, Brasil

E-mail: ma_si_72@hotmail.com

Adriane Maria Netto de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9422-423X>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: adrianenet@vetorial.net

Resumo

Objetivo: Analisar as publicações sobre grupos infantis realizados por enfermeiros. **Método:**

Trata-se de uma revisão integrativa, realizada entre fevereiro e março de 2019, na Biblioteca

Virtual em Saúde BVS- BIREME. **Resultados e Discussão:** Foram analisados dez artigos, que possibilitaram a identificação de duas categorias: Caracterização dos tipos de grupos utilizados e sua importância nas práticas de enfermeiros e O uso do lúdico e do Brinquedo Terapêutico na atividade grupal como estratégia para promoção da assistência integral. A maioria dos artigos referentes a produção de enfermeiros sobre grupos com crianças são estudos qualitativos e os grupos aparecem como forma de intervenção na prática clínica de cuidado da criança e como estratégia metodológica de pesquisa. **Considerações Finais:** Há necessidade de maior incentivo para que a enfermagem possa realizar este tipo de intervenção, pois esta pesquisa apresenta resultados promissores na implementação desta prática, capaz de qualificar a assistência de enfermagem à criança.

Palavras-chave: Enfermagem; Jogos e brinquedos; Cuidado da criança; Ensino.

Abstract

Objective: To analyze publications developed by nurses regarding child groups.

Methodology: This is an integrative review, carried out between February and March 2019, in the Virtual Health Library – BIREME. **Results and Discussion:** Ten articles were analyzed, allowing the identification of two categories: Characterization of the types of groups used and their importance in the activities of nurses and The use of ludic and the Therapeutic Toy in the group activity as a strategy to promote integral care. Discussion: Most articles on nurses' production about groups with children use a qualitative approach and the groups appear as a path for intervention in the clinical practice of child care and as well as a methodological strategy of research. **Final Considerations:** Nursing needs more incentive to perform this type of intervention since this research presents promising results in the implementation of this practice, that allows improving the nursing care as a whole.

Keywords: Nursing; Play and playthings; Child care; Teaching.

Resumen

Objetivo: Analizar las publicaciones sobre grupos infantiles realizados por enfermeros.

Metodología: Se trata de una revisión integrativa, realizada entre febrero y marzo de 2019, en la Biblioteca Virtual en Salud BVS- BIREME. **Resultados y Discusión:** Se analizaron diez artículos, que posibilitaran la identificación de dos categorías: Caracterización de los tipos de grupos utilizados y su importancia en las prácticas de los enfermeros y el uso del lúdico y del juguete terapéutico en la actividad grupal como estrategia para promoción de la asistencia integral. La mayoría de los artículos referentes a la producción de enfermeros sobre grupos

con niños son estudios cualitativos y los grupos aparecen como forma de intervención en la práctica clínica de cuidado del niño y como estrategia metodológica de investigación.

Consideraciones Finales: Hay necesidad de mayor incentivo para que la enfermería pueda realizar este tipo de intervención, pues esta investigación presenta resultados prometedores en la implementación de esta práctica, capaz de calificar la asistencia de enfermería al niño.

Palabras clave: Enfermería; Juego e implementos de juego; Cuidado del niño; Enseñanza.

1. Introdução

É interagindo por meio de brincadeiras, desenhos, pinturas e canções, que se estrutura a comunicação necessária entre o mundo real e o mundo imaginário infantil. Desta forma o cuidado de enfermagem – essência da profissão – destinado à criança deve ser permeado por respeito, carinho, criatividade, ludicidade e compromisso ético, aliados ao conhecimento científico, no intuito de promover assistência integral (Ravelli & Motta, 2005; Duarte & Noro, 2010; Arrué et al., 2013).

Durante o brincar a criança experimenta o ambiente e seu entorno, e é capaz de compreender e se conectar com o mundo real. Através de manifestações próprias e criativas, por meio dos desenhos e rabiscos, da expressão musical, por gestos, danças e cantos, a criança capta e interfere na realidade a sua volta, e no momento em que ela estabelece uma ligação entre o imaginário e a realidade o aprendizado, o desenvolvimento e o crescimento infantil acontecem (Ravelli & Motta, 2005).

A assistência de enfermagem à criança deve levar também em consideração aspectos emocionais, tendo em vista que a infância é permeada por atividades lúdicas (Arrué et al., 2013). Desta maneira, o lúdico quando incorporado ao cuidado infantil é compreendido como uma tecnologia capaz de promover saúde, devendo ser utilizado com propriedade pelos profissionais (Nicola et al., 2014).

O brinquedo terapêutico (BT) difere do brinquedo empregado cotidianamente, em estrutura e intenção, sendo que o primeiro é guiado por profissionais de uma equipe de saúde e o segundo é utilizado de forma espontânea por crianças sem um objetivo extrínseco. A brinquedoterapia objetiva facilitar o bem-estar emocional e físico de crianças hospitalizadas, para tal são utilizadas técnicas, estratégias e ambientes específicos. Identificam-se três tipos de BT: brinquedo dramático (possibilita expressão emocional), brinquedo instrucional (busca orientar/educar a criança) e o brinquedo capacitador de funções fisiológicas (busca preparar a criança para autocuidado) (Vessey & Mahon, 1990).

Estudos que versam sobre a importância do BT apontam-no como estratégia da enfermagem para minimizar o sofrimento e o estresse da criança durante o processo de hospitalização (Medeiros, Matsumoto, Ribeiro, & Borba, 2009; Jansen, Santos, & Favero, 2010; Silva, Jesus, Santos, & Martins, 2010; Depianti, Silva, Monteiro, & Soares, 2014), uma vez que durante a hospitalização, a equipe de enfermagem é a categoria profissional de maior contato com a criança (Depianti et al., 2014).

O grupo, na área da saúde, é visto como uma atividade de promoção e prevenção da saúde que visa responder as necessidades da população, constituindo-se assim, uma importante ferramenta para a construção crítica dos indivíduos quanto ao seu meio social, suas condições de vida e de saúde, não se mostrando diferente quando abordado com crianças (Maron, Guzzo, & Grando, 2014). O espaço grupal permeia o contexto cultural do indivíduo, considerado gregário por natureza, pois desde o nascimento se relaciona em grupo. Desse modo, é um excelente recurso a ser utilizado, ao constituir relações comunicativas e afetivas, possibilitando a promoção da saúde (Zimmerman, 2007).

Diante disso, os grupos tornam-se espaços de grande valia para a atuação do profissional enfermeiro (Maron, Guzzo, & Grando, 2014), e a inserção do lúdico nesse espaço facilita o cuidado integral e a eficácia das ações de promoção e prevenção de saúde voltadas para a criança (Ravelli & Motta, 2005). No entanto, ressalta-se que o uso de grupos por enfermeiros na assistência à criança, é pouco explorado pela literatura científica, não estando claro como se organizam e se estruturam as publicações sobre este tópico de pesquisa.

Nesse contexto, surgiu como pergunta norteadora deste estudo: O que têm sido produzido no Brasil a respeito de grupos infantis realizados por enfermeiros? Assim, este trabalho tem como objetivo analisar as publicações brasileiras sobre grupos infantis realizados por enfermeiros.

2. Metodologia

Revisão integrativa de literatura, que permite a inclusão de diferentes estudos para uma ampla compreensão do fenômeno e objetiva fornecer subsídios para prática clínica baseada em evidências. Sendo essa, uma revisão integrativa utilizou-se os seguintes passos: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (Souza, Silva, & Carvalho, 2010).

A busca de dados ocorreu nos meses de fevereiro e março de 2019, e utilizou-se da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) para realização dos seguintes cruzamentos de descritores

em ciências da saúde (DECS): *Enfermagem and Grupo and Criança; Criança and Jogos e Brinquedos and Enfermeiros; Cuidado da Criança and Jogos e Brinquedos and Enfermagem; Promoção de saúde and Jogos e Brinquedos and Criança; Promoção de Saúde and Jogos e Brinquedos and Enfermagem.*

Foram incluídos no estudo: artigos completos, em português, disponíveis online, publicados entre os anos de 2004-2018, e publicados somente por enfermeiros. Foram excluídos: teses, dissertações, artigos de revisão, artigos que não atendem a temática do estudo e ainda aquele duplicados.

A Figura 1 apresenta a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e o número de artigos que atendiam cada critério.

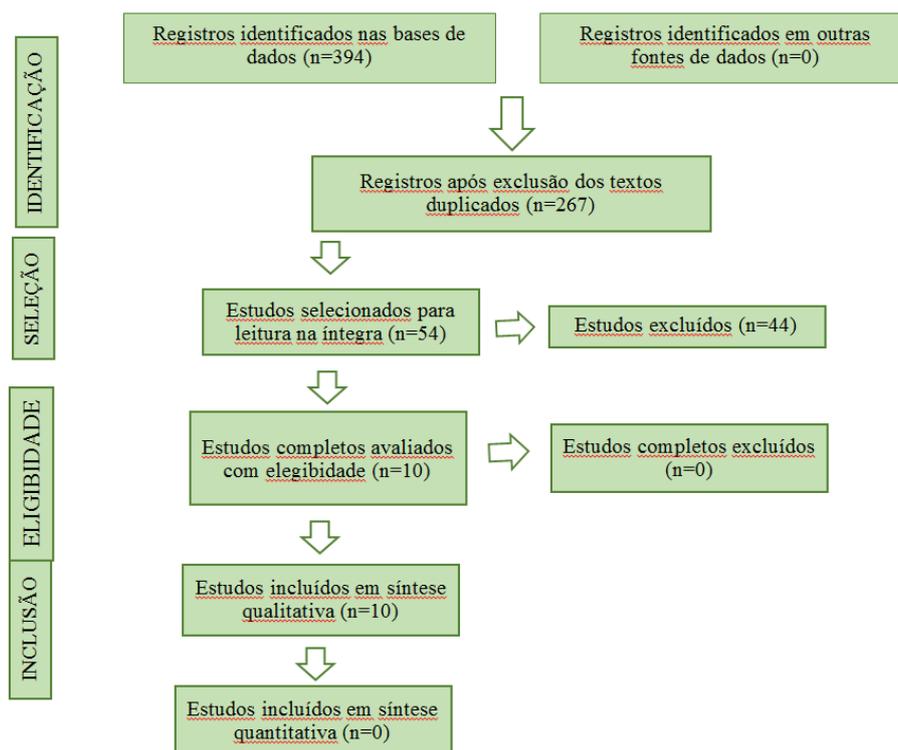
Figura 1 - Seleção dos artigos – Aplicação dos critérios de exclusão.

Busca Avançada na BVS-Bireme	Enfermagem and Grupo and Criança	Criança and Jogos e brinquedos and Enfermeiros	Cuidado da criança and Jogos e brinquedos and Enfermagem	Promoção da saúde and Jogos e brinquedos and Criança	Promoção da saúde and Jogos e brinquedos and Enfermagem
Número Inicial	4.146	57	143	294	45
Disponíveis	1.166	26	75	174	29
Ano de Publicação 2004-2018	1.107	19	71	166	26
Em Português	376	16	52	15	23
Somente Artigos	302	14	43	14	21
Artigos Duplicados	76	03	25	10	14
Total para leitura de resumos	267				

Fonte: Própria (2019).

Após a exclusão dos artigos que se repetiam, procedeu-se a leitura dos resumos dos artigos e exclusão daqueles que não atendiam a temática e aos critérios de inclusão. Seguiu-se a leitura dos textos completos e seleção dos artigos para a coleta de dados, conforme preconizado no fluxograma elaborado para busca e seleção de dados com base no modelo PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & Prisma Group, 2009), representado na Figura 2.

Figura 2 – Fluxograma da seleção dos estudos adaptado do modelo PRISMA.



Fonte: Própria (2019).

Assim, considera-se, que foram cumpridos os critérios referentes à rigorosidade científica que uma revisão integrativa exige. A filtragem foi realizada tendo em vista o objetivo, visando identificar publicações de enfermeiros brasileiros sobre a realização de grupos infantis.

3. Resultados e Discussão

Foram selecionados dez estudos após leitura completa para a discussão dos dados, estes foram categorizados e organizados para melhor discussão dos dados em título, autores, e ano de publicação, representados no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos artigos selecionados para análise: título, autores, e ano de publicação.

Título	Autores	Ano
Brinquedo terapêutico: Benefícios vivenciados por enfermeiras na prática assistencial à criança e a família.	Maia EBS, Ribeiro CA, Borba RIH.	2008
A história infantil como recurso na compreensão do processo de saúde-doença pela criança com HIV.	Brondani JP, Pedro ENR.	2013
A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas.	Lima RAG, Azevedo EF, Nascimento LC, Rocha SMM.	2009
Implicações do uso da terapia antirretroviral no modo de viver de crianças com Aids.	Botene DZA, Pedro ENR.	2011
Famílias com crianças desnutridas: os desafios para trabalhar em grupo.	Boehs AE, Stefanos C, Damiani CB, Aquino MDW.	2005
Teatro de fantoche como estratégia de ensino: Relato da vivência.	Rampaso DL, Doria MAG, Oliveira MCM, Silva GTR.	2011
Promoção em saúde mental: a enfermagem criando e intervindo com histórias infantis.	Braga GC, Silveira EM, Coimbra VC, Porto AR.	2011
Recreação para crianças em sala de espera de um ambulatório infantil.	Poleti LC, Nascimento LC, Pedro ICS, Gomes TPS, Luiz FMR.	2005
Metodologias participativas em pesquisa com crianças: abordagens criativas e inovadoras	Pereira VR, Coimbra VC, Cardoso CS, Oliveira NA, Vieira ACG, Nobre MO, Nino MEL.	2017
Atividades de Educação em Saúde junto ao Ensino Infantil: Relato de Experiência	Silva C, Kantorski K, Motta M, Pedro E.	2017

Fonte: Própria (2019).

Evidenciou-se um número reduzido de publicações por enfermeiros referente a metodologia de grupos, concentrando-se a maioria no ano de 2011, com três estudos publicados (30%), e em 2005 e 2017, em que dois artigos foram publicados em cada um desses anos (40%), e o restante foi publicado em 2008, 2009 e 2013 sendo um estudo em cada um desses anos (30%). Com relação a metodologia empregada por enfermeiros em estudos de grupos com crianças, destacou-se a abordagem qualitativa (90%).

A Revista Gaúcha de Enfermagem (Rev. gaúcha enferm.) foi responsável pela publicação de quatro destes estudos (40%), sendo a que mais publicou, seguida da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN) e da Revista Escola Enfermagem Universidade de São Paulo (Rev. Esc. Enferm. USP.), que publicaram dois estudos cada uma (40%), e da Texto e Contexto de Enfermagem (Texto & contexto enferm.) e da Revista de Enfermagem da UFPE (online), que publicaram juntas dois estudos (20%).

A análise e síntese dos estudos, possibilitou o agrupamento em duas categorias: 1) *Caracterização dos tipos de grupos utilizados e sua importância nas práticas de enfermeiros* e 2) *O uso do lúdico e do Brinquedo Terapêutico (BT) na atividade grupal como estratégia para promoção da assistência integral*.

Caracterização dos tipos de grupos utilizados e sua importância nas práticas de enfermeiros

Nesta categoria são discutidos as características das atividades grupais desenvolvidas por enfermeiros, bem como os achados que permitiram identificar a importância das mesmas no cotidiano deste profissional.

Verificou-se a aplicação dos grupos por enfermeiros como método assistencial (intervencionista) (Boehs, Stefanos, Damiani, & Aquino, 2005; Poleti, Nascimento, Gomes, & Luiz, 2006; Maia, Ribeiro, & Borba, 2008; Lima, Azevedo, Nascimento, & Rocha, 2009; Rampaso, Doria, Oliveira, & Silva, 2011; Silva, Kantorski, Motta, & Pedro, 2017), e como método de pesquisa (Botene & Pedro, 2011; Braga, Silveira, Coimbra, & Porto, 2011; Brondani & Pedro, 2013; Pereira et al., 2016). Destaca-se entre as técnicas de pesquisa, o grupo focal (Brondani & Pedro, 2013; Botene & Pedro, 2011), e de grupo operativo (Braga et al., 2011; Pereira et al., 2016).

Observa-se que a dinâmica grupal possui um amplo leque de possibilidades de aplicação, impossível de se discutir minuciosamente, porém, evidencia-se que dentre suas possibilidades encontra-se a implementação de pesquisas e intervenções. Distintas técnicas são empregadas no processo grupal, que levam em consideração a finalidade para qual determinado grupo foi criado, representado por um polimorfismo grupalístico, em que há uma extensa e múltipla possibilidade de variação nas estratégias, táticas e técnicas para seu uso (Zimerman, 2007).

O grupo focal, refere-se à focalização de determinados aspectos, conforme a necessidade dos membros, e pode ser formado a partir de uma queixa específica, com intuito de promover discussão e reflexão de determinados temas (Carniel, 2008). Através desta

técnica, estudo analisado na presente revisão (Brondani & Pedro, 2013), identificou êxito no fortalecimento do vínculo entre profissional de saúde, criança e cuidadores, sendo possível constatar manifestações de sentimentos pelas crianças quando expressam suas vivências por meio da discussão grupal.

Já os grupos operativos, por sua vez, permitem trabalhar com a afetividade das crianças, o que oportuniza a criação de um espaço expressivo, lúdico e terapêutico, conforme demonstrou artigo incluído na nossa análise (Braga et al., 2011). Considera-se que, no desenvolvimento dos grupos infantis, é a partir das relações que se estabelecem durante o processo, que ocorre a verbalização dos sentimentos das crianças, permitindo que o grupo seja considerado um espaço para re-significação das emoções infantis (Braga et al., 2011).

Dessa maneira, o grupo pode trazer benefícios, tanto para a saúde física, quanto para a saúde mental dos seus membros. Além disso, múltiplos aspectos estão associados a ele, relacionados à cultura e diversidade de outros campos humanísticos, possibilitando, dentre outros benefícios, a promoção da saúde mental (Zimerman, 2007). Evidencia-se ainda, que, no cenário de atenção à criança e a família, o grupo se constitui como uma prática eficaz e transformadora, devendo os profissionais se empoderar desta ferramenta em seu cotidiano (Maron, Guzzo, & Grando, 2014).

A criança, no espaço grupal, vivencia um processo de descobrimento, evolução e de experimentação do imaginário e da realidade (Fernandes, 2006). A partir das atividades desenvolvidas em grupo, há a possibilidade de se observar a criança em sua totalidade, em suas mais diversas manifestações: verbais, corporais, afetivas, e inter-relacionais. Isso é de grande valia, pois permite que sejam implementadas intervenções baseadas nesses achados (Carniel, 2008).

Não obstante, considera-se que a pessoa responsável pelos cuidados prestados à criança, por meio da relação interpessoal estabelecida, é a principal fonte de estimulação da mesma e se responsabiliza pela transmissão de experiências sensoriais, cognitivas, motoras e sociais (Brassolatti & Veríssimo, 2013). Assim, o enfermeiro, ao desenvolver o grupo infantil e assumir o cuidado da criança, deve se aproximar do contexto familiar e cultural da criança, e desenvolver uma comunicação efetiva, para identificação das reais necessidades de saúde e garantia do efeito terapêutico de seu cuidado.

Evidencia-se, assim, que o grupo pode ser utilizado como uma ferramenta eficaz para a promoção da saúde da criança. No entanto, suas possibilidades não se limitam a assistência de saúde, podendo ser empregado também na pesquisa. Os estudos analisados nesta revisão, que empregaram-no como método de pesquisa, apontam que atividades grupais mostraram-se

viáveis à abordagem com crianças e possibilitaram a expressão infantil, traduzindo-se em efeitos terapêuticos, benéficos à criança.

O uso do lúdico e do Brinquedo Terapêutico na atividade grupal como estratégia para promoção da assistência integral

Nesta categoria são apresentadas as mais diversas atividades lúdicas e terapêuticas desenvolvidas em grupos infantis realizados por enfermeiros. As atividades em grupo, contemplam, em seu desenvolvimento, o uso de diversas ferramentas lúdicas, destacando-se contação de histórias (Boehs et al., 2005; Poleti et al., 2006; Maia, Ribeiro, & Borba, 2008; Lima et al., 2009; Rampaso et al., 2011; Brondani & Pedro, 2013; Braga et al., 2011), música, mágicas, clowns (palhaço) (Lima et al., 2009), teatros (Rampaso et al., 2011), arteterapia (Braga et al., 2011), photovoice, maps dos cinco campos (Pereira et al., 2016), e jogos (Silva et al., 2017).

Para amenizar o impacto da doença e hospitalização, é comum na prática do cuidado de enfermagem, o emprego de atividades lúdicas, sendo algumas delas: assistir televisão, uso de computadores, emprego de jogos e brinquedos, realização de desenhos, uso de brinquedoteca e do palhaço (Lima & Santos, 2015). A doença e a hospitalização, geralmente são acompanhadas de procedimentos invasivos e dolorosos, e constituem-se em experiências altamente estressantes para a criança. Para assisti-lá adequadamente é necessário que o profissional enfermeiro compreenda o que estas situações significam para a criança, reconheça o que a criança pode estar comunicando através do seu comportamento, o que demanda que o mesmo se utilize técnicas adequadas de comunicação e relacionamento (Duarte & Noro, 2010).

A criança pode não compreender a sua doença, e nem as causas de sua hospitalização, o que traz eventos estressores para ela, contudo o recebimento de um cuidado humanizado e acolhedor possibilita que os sentimentos negativos vivenciados no período da hospitalização sejam minimizados (Costa, Veríssimo, Toriyama, & Sigaud, 2016; Dutra Farias et al., 2017), com oferta de diferentes tecnologias, e respeito a dignidade, pressupondo a integralidade do atendimento (Oliveira & Sanino, 2011; Nicola et al., 2014).

Entende-se que o hospital não é apenas um ambiente de dor e sofrimento, nele há espaço que pode ser aproveitado para o desenvolvimento de atividades lúdicas, pedagógicas e recreacionais, pois a internação não deve interromper o desenvolvimento e crescimento infantil (Lima et al., 2009). Nesse contexto, o brincar constitui-se em uma importante metodologia a ser aplicada na enfermagem pediátrica, especialmente para fortalecer relações

entre adultos e crianças. Trata-se ainda de um direito da criança, garantido legalmente como parte integrante da assistência do enfermeiro, sendo, portanto, indispensável ao cuidado (Costa et al., 2016).

Estudos analisados nessa revisão (Maia et al., 2008; Lima et al., 2009; Rampaso et al., 2011; Poleti et al., 2006; Brondani & Pedro, 2013) dispõem que o uso do lúdico e do BT em grupos fazem com que a criança fique menos apreensiva aos cuidados de enfermagem e auxilia as mesmas a aceitarem melhor o tratamento e com isso, o tempo de espera pela alta pode se tornar menos torturante no ambiente hospitalar, neste contexto, essas atividades tem grande reconhecimento por parte de enfermeiros e pais/acompanhantes, tanto no tratamento, como no tempo de espera (hospitalização) e na recuperação das crianças.

Quatro estudos analisados (Maia et al., 2008; Lima et al., 2009; Rampaso et al., 2011; Brondani & Pedro, 2013) expõem a importância do uso de atividades lúdicas e do BT em grupos com crianças no ambiente hospitalar, para reduzir o impacto causados pelo ambiente internação e doença e minimizar a experiência danosa para a criança, tratando-se, portanto, de um ato de humanização do cuidado, indissociável à integralidade da assistência. Ressalta-se ainda, a importância do emprego da ludicidade em espaços extra-hospitalares, evidenciado nesta revisão, a partir de um estudo realizado por enfermeiras em um ambulatorio de saúde mental infantil (Braga et al., 2011).

Vale destacar que ao fazer uso do BT como modo de abordagem alternativa na assistência de enfermagem à criança, visa-se a superação do modelo biomédico de atenção à saúde e o estabelecimento de um atendimento integral (Arrué et al., 2013). A partir da implementação desta nova abordagem, são proporcionados grandes benefícios para todos os envolvidos, por meio do estabelecimento de interações significativas entre o profissional enfermeiro, a criança, a família, a equipe e o ambiente (Maia et al., 2008).

Dentre as estratégias de abordagem encontra-se a contação de histórias ou leitura terapêutica, considerada terapêutica por tornar possível uma relação mais intuitiva e mais íntima com as crianças, facilitando a compreensão do não-verbal. Assim sendo, as crianças, ao ouvir uma história possível de ser compreendida, desafogam emoções fortes, como raiva, medo, dor e sofrimento (Lima et al., 2009). Durante a realização de um grupo operativo por pesquisadoras enfermeiras, em que se utilizou da contação de histórias para a coleta de dados, verificou-se que esta atividade oportunizou troca de condutas infantis, e expressões mais saudáveis, caracterizando o grupo como um espaço viável de intervenção e de promoção em saúde mental (Braga et al., 2011).

A música e a contação de histórias infantis em oficinas funcionam como um espaço de distração e de atração à criança e fornecem um estímulo para a mesma, permitindo a criação de um elo facilitador com a equipe de enfermagem. Da mesma forma, a mágica também se mostrou como um recurso utilizado com intuito de estimular a interação e participação da criança nas brincadeiras. Participar nas atividades de brincadeiras, jogos e dramatização pode mudar a visão infantil sobre a rotina da hospitalização (Lima et al., 2009).

Estudo analisou o uso de novas tecnologias como forma de pesquisa participativa com crianças em escolas e aquelas em acompanhamento por um Centro de Atenção Psicossocial (Capsi), sendo estas o *photovoice* e a construção do mapa dos cinco campos, tais foram avaliadas positivamente ao oportunizar a expressão e reflexão durante a atividade grupal realizada (Pereira et al., 2016).

A partir do desenvolvimento de oficinas em grupos com crianças para orientação de procedimentos de enfermagem específicos, pôde-se perceber que as crianças que são preparadas através do BT respondem melhor ao tratamento. Cabe destacar ainda que estas possibilitam destacar o lado saudável, não só da criança, mas também dos seus pais ou cuidadores, contribuindo para fortalecer alterações do processo de trabalho da enfermagem de maneira a compor o técnico e lúdico (Lima et al., 2009).

A arte do clown também é citada como BT, a interação que essa atividade permite entre o profissional e a criança, as expressões artísticas como forma de comunicação, participação do binômio criança e acompanhante revelam as possibilidades de utilização do teatro clown como uma modalidade terapêutica (Lima et al., 2009). Estudo corrobora com este achado ao evidenciar que o palhaço promove a interação entre as crianças, ao estimulá-las a conversarem e participarem juntas de atividades propostas. Ainda, a diversão que o mesmo proporciona faz com que a criança sorria, relaxe, e estabeleça vínculos, decorrentes da interação, favorecendo o bem-estar de todos os envolvidos (Lima & Santos, 2015).

Constatou-se ainda que a aplicação do teatro como técnica de educação em saúde pode ser incitada nas atividades de grupo, já que a partir desta torna-se capaz de entreter e representar atitudes comportamentais da vida diária (Rampaso et al., 2011). Outra técnica identificada foi o uso da arteterapia, que em grupo de pesquisa com crianças facilitou a comunicação em momentos tensos e proporcionou às crianças o enfrentamento de emoções complexas desencadeadas (Braga et al., 2011). Pesquisa identifica a capacidade existente na arteterapia de inovar, criar, e fazer o diferente, levando a exposição de potenciais da criança, valorizando seu prazer e subjetividade (Valladares & Silva, 2011).

Portanto, evidencia-se que a inserção do BT se faz necessária, por ser um dos meios mais eficazes de assistir a criança, a partir de seu uso os processos de comunicação, participação, aceitação de procedimentos e a motivação da criança são facilitados, o que corrobora para manutenção da individualidade, diminuição do stress e a possibilidade de implementação de um cuidado não traumático à criança e família (Engenheiro et al., 2016).

No entanto, revela-se ainda um contexto em que a prática do BT não se faz efetiva no cotidiano (Costa et al., 2016), seja por dificuldades estruturais, materiais ou humanas (Duarte & Noro, 2010), trazendo à tona a necessidade do protagonismo da enfermagem para ser implementado enquanto estratégia de educação em saúde, para suporte à criança e sua família e promoção do desenvolvimento (Costa et al., 2016).

Assim, as relações humanas, condições físicas da unidade e poucos recursos materiais não devem ser um empecilho para a implementação de estratégias que favoreçam a ludicidade e implementação do BT no âmbito assistencial, pois a criança não pode ser privada do direito de brincar e receber cuidado integral (Duarte & Noro, 2010). Atenta-se para o fato da sua utilização se estender para além do ambiente hospitalar, devendo ser desenvolvido em suas diversas modalidades, serviços e locais onde podem ser desenvolvidas atividades com o mesm (Almeida Lima, Figueiredo, Prado, & Souza Leite, 2015).

A literatura dispõe que é necessário investir mais no uso de atividades lúdicas e do BT, tendo em vista a formação profissional com um olhar para esta temática, ou seja, a capacitação dos profissionais para uso destas ferramentas (Dutra Farias et al., 2016) pois reconhecer o brincar como algo terapêutico trata-se de algo processual e requer conhecimento de todos que forem aplicar estas estratégias (Engenheiro et al., 2016). Por fim, vale ressaltar a importância do BT fazer parte da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e tornar-se inerente ao cuidado à criança e sua família, em todos os níveis de atenção a saúde, para assegurar uma assistência de qualidade (Almeida Lima et al., 2015).

O presente estudo aponta as diferentes ações desenvolvidas em grupos por enfermeiros na atenção à criança, corroborando com a necessidade de ampliação de pesquisas na área. Verificou-se a importância do emprego de atividades lúdicas durante o desenvolvimento de grupos infantis, visando uma assistência de enfermagem pediátrica qualificada.

4. Considerações Finais

Este estudo respondeu ao seu objetivo, uma vez que analisou as publicações brasileiras sobre grupos infantis realizados por enfermeiros, verificando a existência de poucos artigos publicados referente a esse assunto. Evidenciou-se que as metodologias grupais empregadas

por enfermeiros aparecem tanto como na forma de intervenção na prática clínica de cuidado à criança como na pesquisa, destacando-se as técnicas de pesquisa utilizadas pelos autores como viáveis à abordagem com crianças, pois possibilitam a expressão infantil.

Diferentes atividades desenvolvidas nos grupos de pesquisa e de intervenções foram evidenciadas, as quais se utilizam da contação de história, música, mágica, teatro *clown* e arteterapia, constituindo-se importantes recursos a serem implementados na prática. Os estudos em questão revelam a utilização da ludicidade, bem como da brincodoterapia em metodologias grupais, sendo evidenciadas aqui: a contação de histórias, a música, a mágica, o *clown* (palhaço), o teatro, e a arteterapia. Ainda constatou-se estas atividades como essenciais ao cuidado de enfermagem à criança, favorecendo elo de ligação e confiança entre a equipe de enfermagem, família e criança.

Este trabalho oportunizou também, melhor compreensão em relação aos benefícios da utilização do lúdico e do BT por enfermeiros no cuidado infantil. Desta forma, acredita-se que o grupo desenvolvido com crianças utilizando-se de estratégias como o uso do lúdico e do BT promove a integralidade das ações de enfermagem. Visualizou-se algumas dificuldades para o estabelecimento do uso do lúdico e do BT na prática assistencial, como a falta de recursos materiais e humanos. Entretanto, estas, não podem se tornar um empecilho para a utilização da ludicidade e BT na assistência de enfermagem à criança.

Contribuições importantes são acrescentadas à literatura científica da enfermagem e áreas afins. Assim, acredita-se que os profissionais devem planejar e implementar estratégias para que isso ocorra, sendo que uma destas pode ser o desenvolvimento de grupos infantis. Por fim, são necessários mais estudos, relacionados às metodologias grupais infantis, e maior incentivo aos profissionais de enfermagem, no que se refere a aplicação de intervenções grupais, pois esta pesquisa apresenta resultados promissores na implementação desta prática, capaz de qualificar a assistência de enfermagem à criança.

Referências

Almeida Lima C, Figueiredo CR, Prado PF & Souza Leite MT (2015). Brinquedo terapêutico no cuidado integral à criança hospitalizada: significados para o familiar acompanhante. *Unimontes Científica*, 17(2), 03-13. Acesso em <http://ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/401/337>

Arrué AM, Neves ET, Terra MG, Souza Magnago TSB, Jantsch LB, Pieszak GM ... & Buboltz FL. (2013). Crianças/adolescentes com necessidades especiais de saúde em centro de atenção psicossocial. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 3(2), 227-37. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/217976927827>

Boehs, A. E., Stefanés, C., Damiani, C. B., & Aquino, M. D. W. D. (2005). Famílias com crianças desnutridas: os desafios para trabalhar em grupos. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 14(2), 287-292. Acesso em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a18v14n2.pdf>

Botene, D. Z. D. A., & Pedro, E. N. R. (2011). Implicações do uso da terapia antirretroviral no modo de viver de crianças com Aids. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(1), 108-115. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000100015>.

Braga, G. C., Silveira, E. M., Coimbra, V. C. C., & Porto, A. R. (2011). Promoção em saúde mental: a enfermagem criando e intervindo com histórias infantis. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(1), 121-128. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-144720110001000>

Brassolatti, M. M., & Veríssimo, M. L. R. (2013). A presença dos pais e a promoção do desenvolvimento da criança hospitalizada: análise da literatura. *Rev Soc Bras Enferm Ped*, 13(1), 37-45. Acesso em <https://sobep.org.br/revista/component/zine/article/167-a-presenca-dos-pais-e-a-promoo-do-desenvolvimento-da-criana-hospitalizada-anlise-da-literatura.html>

Brondani, J. P., & Pedro, E. N. R. (2013). A story for children to help children with HIV understand the health-disease process. *Revista gaucha de enfermagem*, 34(1), 14-21. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472013000100002>

Carniel, I. C. (2008). Possíveis intervenções e avaliações em grupos operativos. *Revista da SPAGESP*, 9(2), 33-38. Acesso em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702008000200006

Costa, D. T. L., Veríssimo, M. L. R., Toriyama, A. T. M., & Sigaud, C. H. S. (2016). O brincar na assistência de enfermagem à criança revisão integrativa. *Rev Soc Bras Enferm*

Pediatr, 16(1), 36-43. Acesso em [https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-
revista/vol16-n1/vol_16_n_1-artigo-de-revisao-1.pdf](https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol16-n1/vol_16_n_1-artigo-de-revisao-1.pdf).

Depianti, J. R. B., Silva, L. F. da, Monteiro, A. C. M., & Soares, R. S. (2014). Dificuldades da enfermagem na utilização do lúdico no cuidado à criança com câncer hospitalizada. *Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental*, 6(3). doi: 10.9789/2175-5361.2014v6n3p1117

Duarte, M. D. L. C., & Noro, A. (2010). Humanização: uma leitura a partir da compreensão dos profissionais da enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(4), 685-692. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472010000400011>

Dutra Farias, D., Bärtschi Gabatz, R. I., Pires Terra, A., Ribes Couto, G., Marten Milbrath, V., & Schwartz, E. (2017). Hospitalization in the child's perspective: an integrative review. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, 11(2). doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i2a11988p703-711-2017>.

Engenheiro, O. B., Geadas, C., Lobo, C., Azougado, C., Figueiredo, J., & Simpson, C. (2016). Benefits of play therapy in hospitalized child: an integrative literature review. *Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento*, 2(1), 489. doi: [http://dx.doi.org/
10.24902/r.riase.2016.2\(1\).489](http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2016.2(1).489)

Fernandes, B. S. (2006). Psicoterapia de grupo com crianças: era uma vez o preconceito. *Revista da SPAGESP*, 7(1), 58-65. Acesso em: [http://pepsic.bvsalud.org/
/scielo.php?script= sci_arttext&pid=S1677-29702006000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702006000100008)

Jansen, M. F., Santos, R. M. D., & Favero, L. (2010). Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(2), 247-253. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472010000200007>

Lima, K. Y. N. D., & Santos, V. E. P. (2015). Play as a care strategy for children with cancer. *Revista gaúcha de Enfermagem*, 36(2), 76-81. doi: [http://dx.doi.org/10.1590/1983-
1447.2015.02.51514](http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.51514)

Lima, R. A. G. D., Azevedo, E. F., Nascimento, L. C., & Rocha, S. M. M. (2009). A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(1), 186-193. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000100024>

Maia, E. B. S., Ribeiro, C. A., & Borba, R. I. H, de. (2008). Brinquedo terapêutico: benefícios vivenciados por enfermeiras na prática assistencial à criança e família. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 29(1), 39. Acesso em <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/5262/2996>

Maron, L. C., Guzzo, P. C., & Grando, T. (2014). Grupos de saúde na atenção básica: Experiências de enfermeiras residentes. *Revista Contexto & Saúde*, 14(27), 81-96. doi: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2014.27.81-96>

Medeiros, G., Matsumoto, S., Ribeiro, C. A., & Borba, R. I. H. D. (2009). Brinquedo terapêutico no preparo da criança para punção venosa em pronto socorro. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(SPE), 909-915. doi: 10.9789/2175-5361.2014v6n3p1117

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS med*, 6(7), e1000097 doi:10.1371/journal.pmed.1000097

Nicola, G. D. O., Freitas, H. M. B. de, Gomes, G. C., Costenaro, R. G. S., Nietsche, E. A., & Ilha, S. (2014). Cuidado lúdico à criança hospitalizada: perspectiva do familiar cuidador e equipe de enfermagem. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 6(2), 703-715. doi: 10.9789/2175-5361.2014v6n3p1117

Oliveira, L. D., & Sanino, G. D. C. (2011). A humanização da equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva neonatal: concepção, aplicabilidade e interferência na assistência humanizada. *Rev Soc Bras Enferm Ped*, 11(2), 75-83. Acesso em: https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol11-n2/v.11_n.2-art2.a-humanizacao-da-equipe.pdf

Pereira, V. R., Coimbra, V. C. C., Cardoso, C. D. S., Oliveira, N. A., Vieira, A. C. G., Nobre, M. D. O., & Nino, M. E. L. (2016). Metodologias participativas em pesquisa com crianças:

abordagens criativas e inovadoras. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(SPE). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.67908>

Poleti, L. C., Nascimento, L. C., Pedro, I. C. D. S., Gomes, T. P. D. S., & Luiz, F. M. R. (2006). Recreação para crianças em sala de espera de um ambulatório infantil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(2), 233-235. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000200021>

Rampaso, D. A. D. L., Doria, M. A. G., Oliveira, M. C. M. D., & Silva, G. T. R. D. (2011). Teatro de fantoche como estratégia de ensino: relato da vivência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(4), 783-785. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000400024>

Ravelli, A. P. X., & Motta, M. D. G. C. D. (2005). O lúdico e o desenvolvimento infantil: um enfoque na música e no cuidado de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(5), 611-613. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672005000500021>

Silva, C. B. D., Kantorski, K. J. C., Motta, M. D. G. C. D., & Pedro, E. N. R. (2017). Atividades de educação em saúde junto ao ensino infantil: relato de experiência. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*. Recife. Vol. 11, supl. 12 (dez. 2017), p. 5455-5463. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i12a22772p5455-5463-2017>

Silva, S. H. D., Jesus, I. C. D., Santos, R. M. D., & Martins, D. C. (2010). Humanização em pediatria: o brinquedo como recurso na assistência de enfermagem à criança hospitalizada. *Pediatr. mod*, 46(3). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000700013>

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

Valladares, A. C. A., & Silva, M. T. D. (2011). Art therapy and child development in a hospitalization context. *Revista gaucha de enfermagem*, 32(3), 443-450. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000300002>

Vessey, J. A., & Mahon, M. M. (1990). Therapeutic play and the hospitalized child. *Journal of Pediatric Nursing*, 5(5), 328-333.

Zimmerman, D. (2007). A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. *Vínculo*, 4(4), 1-16. Disponível em :http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902007000100002

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Gimene Cardozo Braga – 30%

Romario Daniel Jantara – 25%

Micheli de Jesus Ferreira – 10%

Maria Silvane de Oliveira Duarte Costa – 25%

Adriane Maria Netto de Oliveira – 10%